



LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO DE RAÍZES E TUBÉRCULOS NOS ASSENTAMENTOS RURAIS ARARAS I, II, III E IV, NO MUNICÍPIO DE ARARAS - SP.

L. R. Massaro Junior

M. C. M. Amorozo

UNESP, Avenida 24 - A, nº 1515, Bela Vista. CEP 13506 - 900. Rio Claro - SP massarobio@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Atualmente, a diversidade agrícola está diminuindo com a disseminação da moderna agricultura comercial, responsável por imensas monoculturas geneticamente homogêneas (Amorozo, 2007). Agricultores de subsistência e de pequena escala geralmente mantêm grande agrobiodiversidade, como uma forma de minimizar os riscos e estabilizar a produção. Isso faz com que se tornem importantes parceiros para programas de conservação *in situ* de plantas cultivadas (Brown, 1999). Devido ao avanço da agricultura moderna estão perdendo espaço e em consequência essa diversidade agrícola está diminuindo. No Brasil, assentamentos rurais são formados por agricultores de diversas origens, e são locais onde a agricultura é parcialmente voltada para a subsistência. No entanto, são poucos os estudos etnobotânicos em assentamentos e não se pode afirmar se estes agricultores podem ter um papel na manutenção da diversidade agrícola.

Raízes e tubérculos, entre eles alguns que muito provavelmente foram domesticados nas terras baixas da América do Sul, como a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz.) (Martins, 2005), constituem culturas de suma importância do ponto de vista da subsistência.

OBJETIVOS

Este estudo tem como objetivo, através de um levantamento etnobotânico de raízes e tubérculos, averiguar se assentamentos rurais apresentam um potencial de mantenedores da agrobiodiversidade.

MATERIAL E MÉTODOS

2.1-Área de Estudo

Este estudo foi realizado em quatro assentamentos rurais (I, II, III e IV), localizados em Araras, São Paulo. Os três primeiros são os mais antigos, sendo os dois primeiros do ano de 1984 e o III de 1987, já o assentamento IV foi estabelecido no ano de 2004. Os assentamentos I, II, III e IV são

compostos respectivamente por 6 lotes de 11ha, 14 lotes de 13ha, 46 lotes de 6,5ha e 30 lotes de 1ha.

2.2-Coleta de Dados

O presente estudo foi realizado no período de maio de 2008 a maio de 2009, com visitas periódicas aos assentamentos rurais, nas quais, através de entrevistas semi-estruturadas, foi realizado um censo sócio-econômico, abrangendo 67,4% das 96 famílias dos quatro assentamentos. A amostra foi determinada de maneira aleatória e estratificada, proporcional para cada assentamento, entre os entrevistados que cultivam raízes e/ou tubérculos, composta por 50% (26) destes; sendo 3 do assentamento Araras I, 4 do Araras II, 10 do Araras III e 9 do Araras IV. Com a amostra foram realizadas entrevistas acerca das etnovarietades-entende-se por etnovarietades as variedades reconhecidas pelo agricultor-e coletas botânicas para posterior identificação.

RESULTADOS

Nos quatro assentamentos 100% dos informantes se auto-declararam pequenos agricultores, apenas 1 exerce outra atividade fora do lote e 2 são aposentados. Nos assentamentos I e II todos os informantes sempre moraram e trabalharam na zona rural, e entre 75 e 100% são naturais de Araras ou cidades vizinhas, já nos assentamentos III e IV cerca de 63% têm suas origens na zona rural, mas migraram para a cidade e retornaram para a zona rural com o surgimento dos assentamentos; entre 11 e 30% são naturais de Araras e, entre 60 e 89% são de outros estados, principalmente do nordeste, Paraná e Minas Gerais.

No presente estudo foram levantadas no total 26 etnovarietades (7 espécies e 6 famílias), sendo 1 de açafrão (*Curcuma* sp.), 1 de araruta (*Maranta arundinacea* L.), 1 de cará (*Dioscorea bulbifera* L.), 1 de inhame (*Colocasia* sp), 1 de taioba (*Xanthosoma* sp.), 5 de batata-doce (*Ipomoea batatas* (L.) Lam.) e 16 de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz.). No entanto, alguns agricultores não têm uma identificação muito precisa das etnovarietades, o que pode interferir no número total, podendo variar para mais ou para menos. No caso das variedades de mandioca branca,

amarela/amarelinha e vassourinha, pode se afirmar com certeza que há pelo menos dois grupos distintos para cada uma dessas variedades. Em dois casos o agricultor não sabia ou não se lembrava do nome da variedade da mandioca, podendo estas duas pertencer a alguma das etnovarietades amostradas. Isto contrasta com o que se vê em comunidades de agricultores mais tradicionais, onde existe uma nomenclatura e um sistema de classificação mais refinados das variedades, o que é, para alguns autores, uma evidência da intencionalidade da manutenção da diversidade agrícola por esses agricultores (Brush, 1992). O número de etnovarietades por lote varia entre 1 e 8, com uma média de 3 variedades no geral. Nos assentamentos I e II essa média é de 2 e 2,6 variedades por lote respectivamente, e de 3,8 e 3,7 para os assentamentos III e IV. A mandioca é a principal cultura em termos de terra cultivada, as outras raízes e tubérculos são cultivados em pequenas proporções. Cerca de 90% da área cultivada com mandioca é ocupada somente por três das etnovarietades amostradas, o que reduz a diversidade dentro dos assentamentos. Os assentamentos I e II representam a maior parte da área cultivada com mandioca, e têm o comércio voltado para o atacado, com cerca de 87% da área cultivada com duas variedades comerciais. Nos assentamentos III e IV o comércio é voltado mais para o varejo, onde pequenas produções de várias variedades podem ser destinadas à venda; pois, principalmente no assentamento IV, os compradores vêm de bairros próximos para comprar no assentamento, e o agricultor, por sua vez, procura mesclar sua produção para que possa atender o gosto do máximo de clientes possível e também suas próprias necessidades de subsistência. Fica evidente que o tipo de relação que os agricultores assentados têm com o mercado da cidade, atacado ou varejo, influencia diretamente na diversidade presente dentro dos assentamentos.

CONCLUSÃO

Na situação em que se encontram os assentamentos rurais, a diversidade agrícola não tem a devida importância para os agricultores em geral; uma das razões pode estar ligada à dependência da comercialização: os agricultores plantam o que atende melhor às necessidades do mercado. Porém, dependendo da natureza da relação de comercialização, diversidade maior ou menor pode ser mantida. Por outro lado, a proximidade com o mercado é uma grande vantagem para esses agricultores, e é um fator que favoreceria a implantação de programas de extensão rural em termos agroecológicos; este é um modelo que tem como premissa, entre outras coisas, o manejo da diversidade agrícola, auto-suficiência do produtor em relação ao material de plantio, além de gerar produtos de melhor qualidade e agregar valor a eles, trazendo um retorno para o agricultor. Dessa forma criar-se-ia uma ligação entre a biodiversidade agrícola e o mercado em geral.

REFERÊNCIAS

- Amorozo, M. C. M. Construindo a sustentabilidade: biodiversidade em paisagens agrícolas e a contribuição da etnobiologia. In: Albuquerque, U.P.; Alves, A.G.C.; Araújo, T.A.S. (Org.). *Povos e paisagens: etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil*. 1a ed. Recife: NUPEEA/UFRPE, 2007, v. 1, p. 76 - 88.
- Brown, A. H. D. The genetic structure of crop landraces and the challenge to conserve them in situ on farms. In: Brush, S.B. (Ed.). *Genes in the field: On - farm Conservation of Crop Diversity*. International Plant Genetic Resources Institute, Rome, Italy, 1999, p. 29 - 49.
- Brush, S. B. Reconsidering the Green revolution - diversity and stability in cradle áreas of crop domestication. *Hum. Ecol.* 20 (2), 1992, p. 145 - 167.
- Martins, P. S. Dinâmica evolutiva em roças de caboclos amazônicos. *Estud. Av.* vol. 19 nº 53. São Paulo, SP, 2005.